



ONAIR NUNES



MUDA

Publicado originariamente em 13 de Junho de 2016

Vivemos a fase final de um processo iniciado lá atrás.
Estamos todos estafados, ainda é inverno em nossas perspectivas.
Esperancemo-nos, contudo. A primavera chegará.

Ouvem-se os “passos” do inverno. Dias nublados e frios para os nossos padrões de temperatura, e tardes pesadamente escuras compartilham o seu fim com o anoitecer apressado, semanas inteiras de convite à introspecção própria do recolhimento, às reflexões características do tempo fechado, meio que europeu, o efeito Staël. Entro na muda, à espera de novas roupas, as mesmas cores em tons mais definidos, reais; não fico jururu, apenas não consigo viver a grande mentira de invernos fabricados sem proteção contra o relento. Invernos fabricados são o próprio relento pela supra realidade que criam, indissimulável, aparência de normalidade no brilho opaco do faz de conta, tudo inútil, nada à vera, não pode ser, não é; situações forjadas não produzem verdades, senão que veladas intenções limitadas pela incapacidade, simplesmente, de entender, alcançar, dar sentido às ilusões deliberadamente geradas. O cenário é improvisado, os personagens, fugidios, se sabem inconsistentes, a orquestra é incapaz, o tom estranho, o maestro não rege, fala, protagoniza-se, competências acidentais estão fora de contexto, peixes fora d’água, saltos incertos e mergulhos rasos; por serem competentes em suas águas, sabem que estão brincando de nadar, que não farão nada de efetivo, não chegarão a lugar nenhum por lhe faltarem as nadadeiras, que não têm, que não lhes foram fornecidas pelas fontes hábeis. Tudo é “por enquanto”, apenas invadiram o palco, sem cenário adequado; não sabem como montá-lo porque não os movem princípios consagrados, geralmente aceitos, as cenas são improvisadas, falta-lhes temática, sobram conveniências, projetos pessoais para futuro não muito distante. O pano de fundo será aquele que mais lhes aproveitar pessoalmente, sem unidade, consistência e racionalidade, uma colcha de retalhos, que, nem isso, sabem qual é, uma aventura, apenas uma aventura. Um mínimo de visão empurrará seu detentor barco afora, para não afundar com ele, pondo a perder no nada as pretensões acalentadas. A situação é pior do que imaginávamos, do que imaginam, disseram, primeiro passo para o dizer “não dá para consertar, fazer melhor, estragaram demais”, este blog preveniu quanto a isso artigos atrás. Então por que entraram, prometeram? Aparentemente não sabem sequer analisar os dados disponíveis, o que impede o equacionamento necessário, a tabulação e a solução competente. Uma aventura, nada mais que uma aventura!

